



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

TANISMAYRA DA SILVA NASCIMENTO

**A POTÊNCIA DO TEXTO LITERÁRIO PARA APREENSÃO E MOBILIZAÇÃO
DE SABERES GEOGRÁFICOS**

**MACEIÓ/AL
2019**

TANISMAYRA DA SILVA NASCIMENTO

**A POTÊNCIA DO TEXTO LITERÁRIO PARA APREENSÃO E MOBILIZAÇÃO
DE SABERES GEOGRÁFICOS**

Artigo Científico apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção de nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientadora: Profa. Dra. Edna Telma
Fonseca e Silva Vilar.

MACEIÓ/AL
2019

TANISMAYRA DA SILVA NASCIMENTO

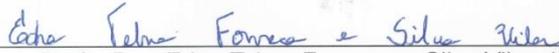
A POTÊNCIA DO TEXTO LITERÁRIO PARA APREENSÃO E
MOBILIZAÇÃO DE SABERES GEOGRÁFICO

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

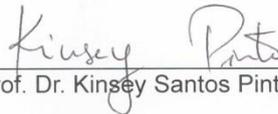
Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em 29/07/2019.

Orientadora: Profa. Dra. Edna Telma Fonseca e Silva Vilar

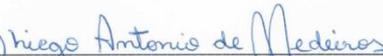
Comissão Examinadora



Profa. Dra. Edna Telma Fonseca e Silva Vilar (CEDU/UFAL)



Prof. Dr. Kinsey Santos Pinto (IGDEMA/UFAL)



Prof. Msc. Dhiego Antônio de Medeiros (UNEAL)

A POTÊNCIA DO TEXTO LITERÁRIO PARA APREENSÃO E MOBILIZAÇÃO DE SABERES GEOGRÁFICOS

Tanismayra da Silva Nascimento

Edna Telma Fonseca e Silva Vilar

RESUMO:

Este Trabalho de Conclusão de Curso articula Literatura e Geografia para apreensão de saberes geográficos, visando refletir acerca da potência do texto literário para este intento. Argumenta-se que ensinar e aprender Geografia a partir e com o texto literário não pode ser pretexto, mas contexto (LAJOLO, 2009). O referencial teórico adotado afilia-se ao campo da *Geografia da infância* (LOPES, 2018), ao conceber uma geografia das/com as crianças e não para elas, descolando-se da delimitação, por vezes árida, do que se propõe como disciplina escolar. Utiliza-se como recurso, dois títulos de livros literários, a saber: *Se criança governasse o mundo...* de Marcelo Xavier (2003) e *A Jararaca, a Perereca e a Tiririca* de Ana Maria Machado (2016), base para as vivências metodológicas, cujos produtos/representações das crianças constituem corpus analítico, neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil. Geografia da Infância. Saberes geográficos.

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso articula Literatura e Geografia para apreensão de saberes geográficos, visando refletir acerca da potência do texto literário para este intento. Argumenta-se que ensinar e aprender Geografia a partir e com o texto literário não pode ser pretexto, mas contexto.

Para alcançar o proposto, utilizou-se dois livros de Literatura Infantil: o primeiro, intitulado *Se criança governasse o mundo...*, de autoria de Marcelo Xavier, foi utilizado em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental I, em 2017; já o segundo, *A Jararaca, a Perereca e a Tiririca, escrito por Ana Maria Machado*, foi lido para/com crianças do 3º ano do mesmo segmento de ensino, no ano de 2018. As vivências aqui discutidas ocorreram no âmbito das disciplinas *Literatura Infantil* e *Estágio Supervisionado 4*, que integram a matriz curricular do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas. A escola municipal Luís Pedro da Silva IV, localizada no Tabuleiro dos Martins, em Maceió/AL foi o campo empírico, onde foram desenvolvidas as atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

A perspectiva teórica, deste trabalho, tem por base a “Geografia das Crianças”, campo de estudo e pesquisas fundamentado em Vigotski (1999), discutido por Lopes e

Colaboradores (2018), sob o pressuposto de que a criança assume papel importante no processo de aprendizagem e aquisição de saberes geográficos e que, portanto, é possível observar e refletir acerca de uma geografia das/e com as crianças, para qual elas assumem o papel de protagonistas.

Nessa perspectiva, a problemática/questão deste trabalho pode ser expresso pela seguinte indagação: em que modo o texto literário mobiliza saberes geográficos e possibilita a apreensão?

O trabalho está organizado em quatro partes: na introdução apresentam-se as motivações, objetivos e referenciais de base adotados; na segunda parte, discute-se o potencial da Literatura e do recurso ao texto literário em articulação com a Geografia, visando-se a apreensão de saberes geográficos; na terceira, analisa-se as produções das crianças e por fim, nas considerações finais, discute-se a relevância da vivência experienciada e que serviu de base empírica para elaboração do artigo.

2 A POTÊNCIA DO TEXTO LITERÁRIO E OS SABERES GEOGRÁFICOS

A Literatura tem a capacidade de levar o sujeito de onde ele está, abstraindo seus pensamentos, para um local e/ou época diferente, outras culturas, outros contextos históricos, sejam eles reais ou fictícios. Enfim, o coloca para além de sua zona de conforto, fazendo-o refletir a respeito do que ele lê. Além disso, possibilita uma identificação leitor-personagem- enredo.

Dessa maneira, proporciona a formação de concepções sobre diversos assuntos, desperta criticidade, como também a elaboração de novos conceitos. Não obstante, todo esse imaginário está imbuído de formas, espaços, lugares.

Quando alguém conta uma história de algo que lhe ocorreu, num lugar em que o ouvinte nunca esteve, é muito natural que este comece a dar contornos materiais, cenários por assim dizer, para melhor compreender e se envolver na narrativa.

Assim como falado sobre o poder da Literatura, a Geografia aborda a diversidade de relações que conformam o espaço geográfico, sejam estas políticas, culturais, econômicas, sociais como articulações para entender o contexto em que se está inserido na sociedade.

Deste modo ou por esse entendimento há que se pensar “como então dar esta ênfase dos diversos saberes geográficos no ambiente escolar? ”.

De acordo com Lopes as crianças possuem lógicas próprias, uma maneira de lidar com as informações que as cercam. Essa forma própria de interpretar o mundo, faz delas autoras de saberes e não apenas receptoras. Buscar entender como a criança se volta para as situações do cotidiano, de um modo singular e de trocas com seus pares, é o que o autor espera daqueles que se propõem a pesquisar a educação para/com a infância. Assim, ele destaca: “achamos fundamental dialogar com as lógicas das crianças, reconhecer que suas expressões no mundo não são marcadas por ausências, por um vir a ser, mas são situações presentificadas, bases para pensarmos o protagonismo infantil” (LOPES, 2014, p. 318).

A participação das crianças é essencial para a apreensão e compreensão dos saberes geográficos. Nessa direção, valorizar o que elas trazem de conhecimento para dentro da sala de aula é um passo importante para que possam assimilar suas vivências com os saberes geográficos mobilizados para a construção de noções, conceitos e habilidades espaciais.

A interação criança-criança, criança-professor, criança-material didático favorece a discussão de situações e problemáticas próprias das relações socioespaciais. De acordo com Callai (2001, p. 143) “entender vários fenômenos que acontecem no mundo e particularmente no Brasil, e que se materializam em paisagens diversas, é buscar as explicações para as relações sociais que acontecem, é entendê-las situadas num âmbito maior e explicativo da realidade atual”.

Os saberes geográficos nos/para os anos iniciais, deve estar longe da pretensão de que as crianças, de forma aleatória e isolada, compreendam conceitos extensos e sem sentido como reproduzir definições do que é território, lugar, paisagem. A Geografia não se restringe a ensinar estes conceitos, seu conteúdo/potência configura-se como uma leitura/entendimento de mundo, requerendo um se colocar em sociedade e se enxergar como participante e atuante dela para compreender as consequências dos atos infligidos no espaço habitado.

Nesse sentido a geografia, entendida como uma ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estes mantêm entre si e com a natureza, quer dizer, as questões da sociedade, com uma ‘visão espacial’, é por excelência uma disciplina formativa, capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato sua cidadania (CALLAI, 2001, p. 134).

Entendendo a Geografia como uma ciência social com saberes para uma formação humana e cidadã e a Literatura como sendo capaz de abordar essa vertente da disciplina, é que desse modo, propõe-se essa articulação. Nessa perspectiva, concorda-se com Moraes e Callai (2013, p. 133) ao esclarecerem que “[...] o objetivo não é tornar a Literatura apenas

pedagógica, deixando de lado o seu valor ficcional e estético e sim buscar o prazer, o lúdico aliado a um pensamento crítico”. Além disso, conforme recomendam Ferraz e Beraldi (2013, p. 167), a relevância deve ser equivalente para as duas disciplinas, sem uma ter maior destaque que a outra.

[...] não restringindo a um elemento, ou disciplina, em detrimento da outra, ou seja, não fazendo dos textos literários apenas um exemplo de conteúdos geográficos a serem aprendidos pelas crianças, nem fazendo da Literatura algo a ser privilegiado no processo de alfabetização, não permitindo que a geografia participe do mesmo, como se fosse um conhecimento apenas obrigatório mas estranho ao conjunto das necessidades básicas a serem atendidas nesse ciclo escolar.

A articulação aqui proposta pode levantar questões sobre o porquê abordar este tema na Pedagogia. Articular a Literatura Infantil e a Geografia, significa tirar as amarras que impedem o profissional pedagogo de ensinar com mais propriedade, fazendo uso desta possibilidade, bem como uma forma de estimular a busca por formações continuadas acerca do tema.

Essas amarras referem-se ao tipo de ensino que os estudantes de Licenciatura foram expostos quando crianças, principalmente no componente curricular Geografia, cujo ensino tornou comum a prática de decorar definições para responder questionários.

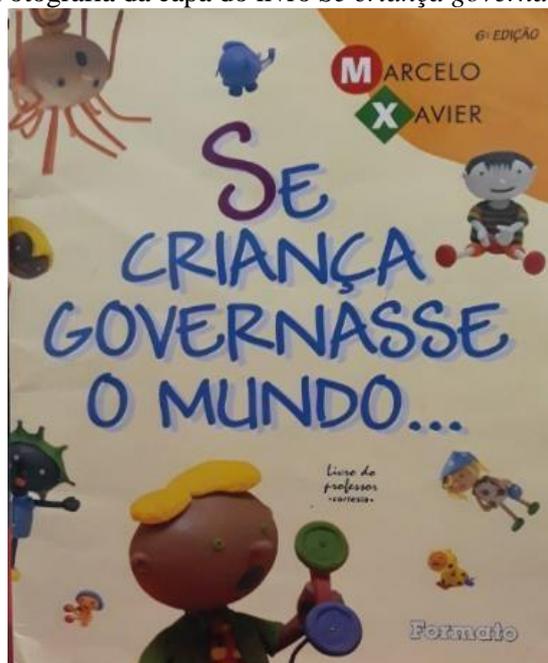
Por isso, o trabalho aponta discutir a importância da articulação, visando uma aprendizagem significativa para os anos iniciais do Ensino Fundamental, tendo como base o ensino da Geografia com o recurso e potencial da Literatura.

3 ANÁLISE DOS LIVROS E DO ENCONTRO DE LEITURA COM AS CRIANÇAS

O título *Se criança governasse o mundo...* de Marcelo Xavier (2003) foi o primeiro a ser utilizado para esta pesquisa. Trata-se de um livro com ilustrações feitas com o recurso da massa de modelar e da fotografia, o que o aproxima das crianças, uma vez que as ilustrações em massinha quebram o ar sério que o tema “governar” carrega.

O pronome “Se” colocado no início do título já constitui um convite ao leitor para que se coloque no lugar/condição de...; neste caso, de um governante, a quem é dado o poder de propor/decidir.

Figura 1 – Fotografia da capa do livro *Se criança governasse o mundo...*



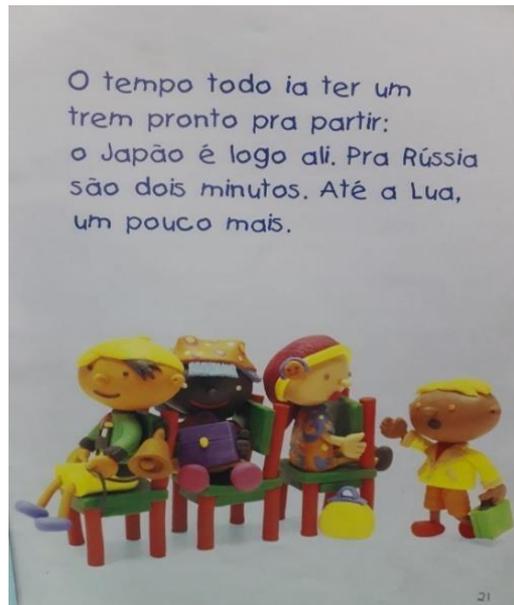
Fonte: AUTOR DO LIVRO. Organização: autora do trabalho.

Marcelo Xavier, em epíteto registrado na contracapa do título em tela, afirma que “o livro é um encontro que o autor marca com o leitor, esperando que ele compareça”. Foi sob essa perspectiva, que se planejou esse encontro da Literatura com a Geografia; do texto como contexto para mobilização de saberes geográficos das crianças; do texto-leitor-mediador.

As propostas ou condições de quem se colocando no lugar da criança e, simultaneamente, de governante, para pensar como seria o mundo, sob o olhar de quem não só vive o espaço, mas também o percebe e concebe a partir de referências do cotidiano, mas principalmente de leitura de mundo para alguns e/ou de espaço geográfico para outros, foi o que objetivamos com a vivência metodológica com propostas de pré-leitura, leitura e pós-leitura do já citado livro.

São diversas as situações apresentadas textualmente, por Marcelo Xavier no título *Se criança governasse o mundo...*, bem como as soluções e/ou saídas construídas pelas crianças por meio de suas lógicas infantis (LOPES, 2014) que podem ser lidas com o recurso das imagens. Nessa perspectiva, texto e ilustrações se complementam.

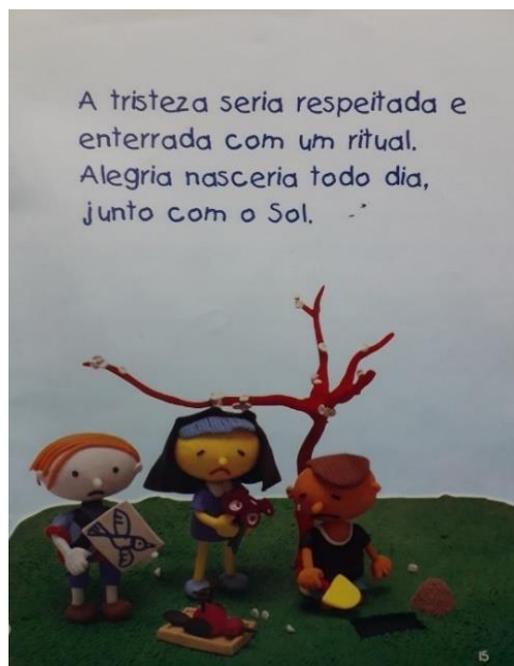
Figura 2 – Fotografia da página 21 do livro *Se criança governasse o mundo...*



Fonte: AUTOR DO LIVRO. Organização: autora do trabalho.

Das situações, contextos, problemas ou referentes espaciais, incluindo-se equipamentos, podemos localizar no texto: o trânsito, os meios de transporte e os deslocamentos, a fome, a saúde, os rios, as praias, os bancos, a televisão, o acesso à escola e até contextos mais subjetivos, a exemplo do sentimento de tristeza proveniente da morte, metáfora completada pela imagem, conforme visualizado na página 15 do livro.

Figura 3 – Fotografia da página 15 do livro *Se criança governasse o mundo...*



Fonte: AUTOR DO LIVRO. Organização: autora do trabalho.

Se os problemas são apresentados como/com soluções, pode-se dizer que se mobiliza pela potência do texto literário uma reflexão acerca do lugar e do modo como vivemos e apreendemos o espaço geográfico, nesse contexto, as lógicas infantis.

Cabe destacar, que o autor viajou várias partes do mundo para obter depoimentos de crianças, para que o livro tivesse justamente o aval das pessoas que o inspiraram, trazendo assim, dezenas de assinaturas “dessas **autoridades** de vários países” (**grifo nosso**).

O livro *Se criança governasse o mundo...* nos permite entender sobre o olhar que a criança tem em relação ao mundo, um olhar descomplicado. Trata-se de uma ideia que nos remete para uma discussão política ou de governabilidade - assunto tão em alta nos últimos tempos e que deve sempre estar em pauta na vida de todos.

A obra lida pela ótica adulta, parece remeter apenas ao ficcional, desconsiderando-se o real. No entanto, o autor quer instigar os leitores uma forma de pensar sobre situações ou problemáticas existentes, portanto reais, discutidas de modo a considerar as lógicas infantis. Para tanto, parece indagar, ainda que de forma indireta, acerca de problemáticas socioespaciais, tais como: “o que você faria em relação às guerras?” E a poluição dos mares e rios, como solucionar?” São estas e outras várias reflexões ditas políticas, que geram contextos para se pensar sobre os problemas socioespaciais que cercam nossas vidas, desafiando as crianças a pensar as dimensões de problematização e transformação do espaço geográfico.

Os acessos à escola, à moradia e aos transportes como bens ou equipamentos que se constituem direitos básicos do cidadão, bem como a outros, foram problematizados ou constituíram propostas provenientes das crianças a partir da leitura da obra *Se criança governasse o mundo...*

Foi na busca dessa abordagem, de pensar sobre si e o mundo e nas decisões que podemos tomar, que este livro se fez recurso didático importante para a mobilização de saberes geográficos.

As categorias geográficas lugar, paisagem e território que podem ser exploradas via leitura, assim como as ideias de pertencimento, de poder e de governar, que atravessam o livro foram, igualmente, consideradas no desenvolvimento do exercício metodológico que serviu de base para as discussões que apresentamos.

A leitura do livro *Se criança governasse o mundo...* foi realizada em uma escola municipal de Maceió, localizada no bairro Tabuleiro dos Martins em outubro de 2017, sendo parte de um trabalho desenvolvido na disciplina eletiva de Literatura Infantil, no 6º período do curso de Pedagogia. A turma era do 2º ano do Ensino Fundamental I, com

crianças entre sete e oito anos de idade, num total de 15 alunos.

Foram utilizados alguns procedimentos de leitura literária, aprendidos na disciplina Literatura Infantil, incluindo-se as etapas de pré-leitura, leitura e pós leitura.

Para a pré-leitura foi mostrada a capa do livro, lido o título e realizada uma observação sobre o autor Marcelo Xavier (2003), destacando a sua fala sobre o motivo de ter escrito este livro; uma vez que considera a sensibilidade infantil fator predominante para a solução dos problemas do mundo. Conforme ressalta o autor, em seu prólogo: “crianças pensam com o coração, e tem soluções incríveis para todos os problemas” (XAVIER, 2003).

De acordo com as orientações fornecidas pela professora orientadora, foi destacada uma palavra-chave do livro que correspondesse ao eixo central da narrativa, a saber: “governar”. Para tanto, perguntou-se “o que é governar? ”, a fim de que as crianças tivessem um apoio ou esclarecimentos para posterior leitura da narrativa.

Os sentidos atribuídos a este cargo ou condição foi, previamente, levantado junto a turma para que pudessem discutir e se apropriarem desse significado, ao tempo que citavam nomes de cargos e pessoas que exerciam funções de dirigentes ou de governo. Assim quem governa o país, o estado, o município, a escola; foram citados pelas crianças.

Tais procedimentos, visaram despertar o interesse pela leitura da narrativa. Além de favorecer a participação e interação de todos.

Durante a leitura, a opção por abrir o livro e a cada página ir indagando sobre as ilustrações, antes de ler o que estava escrito, foi o procedimento utilizado para esta etapa. Junto a isto foi feita a apreciação estética do livro, tão enfatizada nas aulas de Literatura Infantil, por ser um elemento fundamental para compor o imaginário. Para tal, antes da leitura de cada página, caminhava-se pela sala mostrando as ilustrações e cobrindo o texto com uma folha, trazendo alguns questionamentos como “o que vocês acham que eles estão fazendo? ”, “o que vocês acham que essa ilustração sugere? ”. À medida que as crianças iam respondendo, iam exercitando outro aspecto das orientações, que é o da leitura participante. Depois, era lido o que estava escrito na página, evidenciando-se a relação do texto com a ilustração.

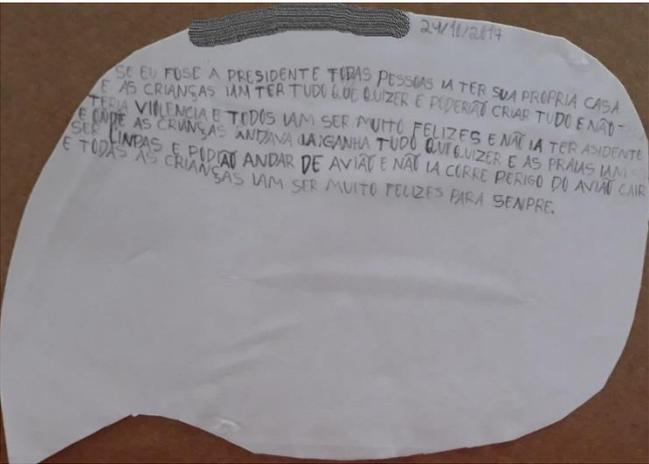
Na etapa de pós-leitura, foi proposto as crianças que representassem através da escrita e/ou desenho o que elas fariam se governassem o mundo. Quando estavam fazendo suas impressões acerca da narrativa, pediam o livro, possivelmente para relembra as passagens, como também para tentar imitar algumas ilustrações. Pediu-se que, à medida que terminassem suas produções, colocassem num cartaz de papel madeira que fora levado

para esta ocasião. A intenção era de unir todas as produções para que as crianças pudessem verificar de forma valorosa o que fizeram, como também apreciar as obras de seus colegas.

Como o processo de aprendizagem envolve a troca entre pares, em que uma criança pode aprender com a outra através das suas relações sociais, por vezes podem ocorrer repetições. Ou seja, nessa troca de informações algumas crianças tentaram imitar o colega ao lado, o que deixou algumas produções muito parecidas.

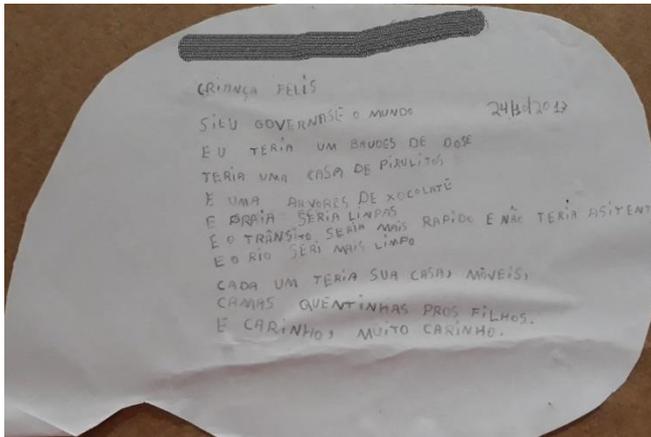
Ao todo, foram produzidas 15 representações, sendo selecionadas 5 destas, considerando-se que as ideias que expressam já são contempladas e/ou repetidas. No quadro seguinte, registramos a representação, seguida de transcrição feita na ortografia padrão, suprimindo-se algumas repetições; com posterior comentário.

Figura 4 – Dados empíricos e análise

Nº	REPRESENTAÇÕES	TRANSCRIÇÃO	COMENTÁRIOS
01		<p>“Se eu fosse a Presidente, todas as pessoas iam ter sua própria casa e as crianças poderiam ter tudo que quisessem [...] e não teria violência [...]. Todos iam ser muito felizes e não teria acidente [...] as praias iam ser limpas e (as crianças) podiam andar de avião e não iam correr perigo de o avião cair [...] Todas as crianças iam ser muito felizes para sempre.”</p>	<p>A escrita evidencia uma consciência do que seu autor percebe como problemas socioespaciais (moradia, violência, poluição). Andar de avião sugere um desejo, sem desconsiderar o que vê como perigo. O referente “Se eu fosse Presidente”, indica que absorveu o significado denotativo, mas também conotativo de governar.</p>
02		<p>“Se a criança governasse o mundo, nunca cortaria as árvores.”</p>	<p>A preocupação com a natureza e a ação do homem para com a sua destruição é o mote da preocupação e proposição expresso nesta representação, cujo “governo” se mantém na condição de criança. Vale</p>

destacar pelo desenho, o uso da árvore para abrigar um balanço, reafirmando-se o brincar e a infância.

03

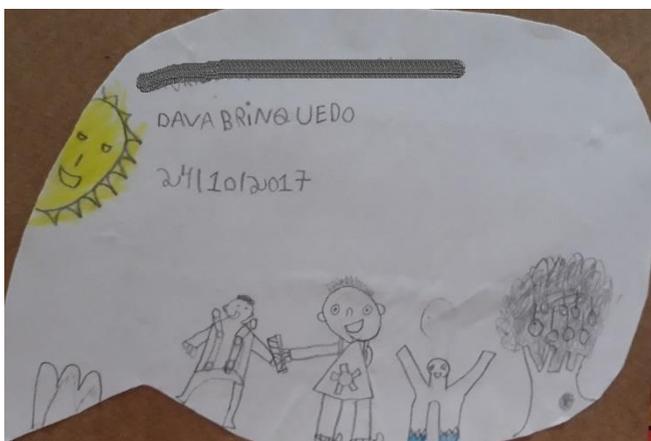


Criança Feliz

“Se eu governasse o mundo, teria casa de pirulitos e uma árvore de chocolate. As praias seriam limpas, o trânsito rápido e sem acidentes. Os rios seriam mais limpos. ‘Cada um teria sua casa, móveis, camas quentinhas pros filhos. E carinho, muito carinho.’”

A autora dá um título a sua produção e se coloca na primeira pessoa para se posicionar de forma mais lúdica e voltada para a infância, marcada pela presença de doces. Contudo, numa segunda parte do texto, aponta para questões da natureza (limpeza das praias e rios), mas também para questões que enxerga como problemas das cidades (trânsito e acidentes) e das pessoas (sem casa e móveis), transcrevendo um trecho do livro lido (p. 11), possivelmente por ter se identificado com o trecho da narrativa.

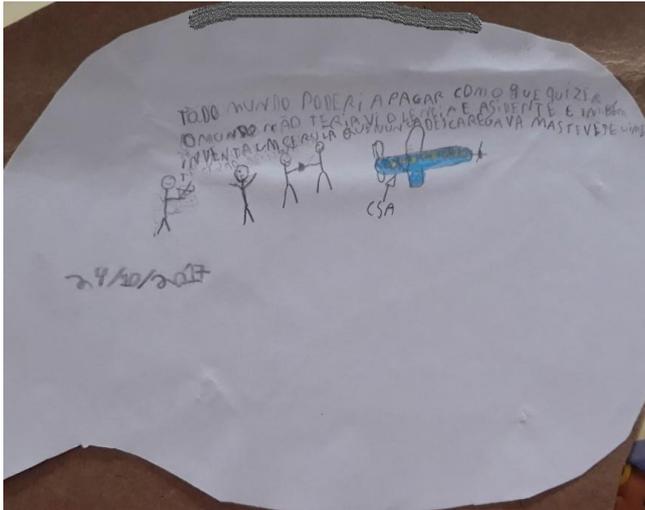
04



“Dava brinquedo”

A enunciação feita de forma breve e direta, reafirma a infância como direito ao brincar, mas também ao brinquedo, referido ao objeto, possivelmente atual em seu aspecto de produção, viabilizada pela técnica e de acesso limitado.

05



“Todo mundo poderia pagar com o que quisesse. O mundo não teria violência, nem acidente. Inventaria um celular que nunca descarregasse e ainda tivesse wi-fi.”

O texto reafirma o já dito por outras crianças no que se refere a violência como problema que os incomoda. Aponta para a falta ou escassez de dinheiro, mas sugere uma invenção inusitada: o celular que “não descarregasse e tivesse o wi-fi. O desenho de um avião com as cores e indicação do time de futebol “CSA”, deixa implícito um desejo ou proposta não enunciada pelo autor.

Fonte: Fotos feitas pela autora do trabalho.

Nestas produções elaboradas pela turma, foi possível verificar que as crianças não estão alheias aos problemas sociais que as cercam e que conseguem ter uma postura crítica frente às questões que a sociedade impõe. Deste modo, conforme faz notar Lopes (2018, p. 210), ainda que

[...] invisibilizadas por muitas ações/não ações, elas estão aí, nos metrô, nas ruas, nos carros, nas escolas, nas casas, nos sinais, nos abrigos, nas calçadas, nas praças, nos parques, nas praias, [...] são todas crianças territorializadas espacialmente e que vivem o jugo de seus territórios e enraizamentos (econômicos e muitos outros) no embate das políticas econômicas e sociais.

A turma apresentou uma relação muito direta com o contexto da narrativa, ratificado pelas suas produções em que - assim como no livro - davam soluções para as propostas levantadas, assim como: “nunca cortar as árvores”, bem como criar novas possibilidades, aliadas as suas demandas, a exemplo de “inventar um celular que não descarrega e sempre tem acesso a internet”.

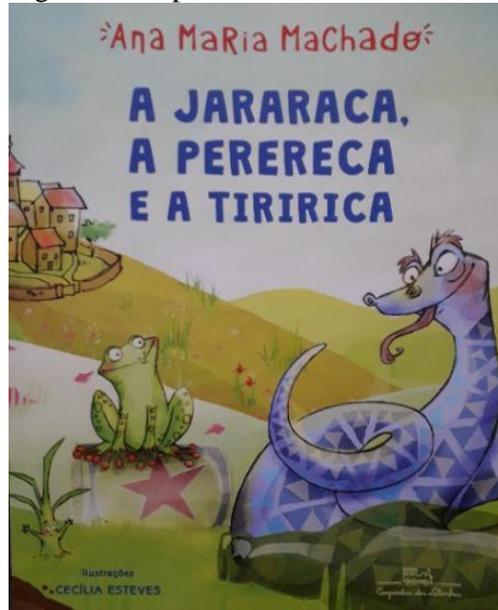
Pelas produções, evidencia-se projeções e/ou identificações por parte das crianças ao se colocarem numa posição de poder.

O livro *A Jararaca, a Perereca e a Tiririca*¹, escrito por Ana Maria Machado (2016) foi escolhido por se tratar de uma narrativa rica em aportes geográficos e desse modo,

¹ A narrativa deste título consta em anexo neste trabalho.

possibilitar fazer uma articulação da Literatura com a Geografia, sendo neste caso, contexto para ler o texto.

Figura 5 – Fotografia da capa do livro *A Jararaca, a Perereca e a Tiririca*



Fonte: AUTOR DO LIVRO. Organização: autora do trabalho.

A narrativa apresenta três personagens principais e muito singulares - a Jararaca, a Perereca e a Tiririca, mas que convivem num mesmo ambiente. As personagens ao terem seu território ameaçado, se veem no dilema de como enfrentar a situação. As estratégias encontradas por cada personagem são diferentes e a partir daí a obra mostra desfechos distintos que são contados num ambiente rico em conhecimentos geográficos do Brasil.

A obra tem ilustrações de um colorido vivo. Propositamente, o verde toma conta do cenário inicialmente, para junto com a narrativa, perder suas nuances, até se tornar pequenas porções espalhadas em meio às construções. Isso demonstra que não só as palavras contam a história, mas os desenhos contidos nela ilustram as transformações ocorridas no espaço geográfico.

A autora, premiada por seu tino literário - sendo este considerado o melhor livro infantil pelo prêmio “Alejandro José Cabassa” (2000) - traz em seu livro, noções e conceitos geográficos que vão desde os mais empíricos e localizáveis, a exemplo da referência a alguns estados do Brasil como a indicar trajetos; bem como fenômenos como a “pororoca”.

No livro, podemos fazer uso dos conceitos geográficos, diferenciando-os ou comparando-os, sem que a riqueza da narrativa seja comprometida, sobretudo porque as rimas imprimem ritmo e uma jocosidade pela escolha do vocabulário, principalmente para

a caracterização e ações das personagens.

Alude-se na narrativa, estratégias geopolíticas implementadas como formas de sobrevivência ou resistência dos sujeitos em sua íntima relação com o meio. Resistir em meio às mudanças, buscar novas formas de viver e sobreviver, lutar pela sua identidade e seu lugar no mundo. A autora vai tecendo uma rede de valores, demonstrando a importância do lugar e da posição que ocupamos nele.

Paralelo a isto, é possível enxergar a grandeza que o Brasil possui em sua Geografia, em que de um canto a outro - “Pelo Paraná e pelo Piauí. Pelo Oiapoque e pelo Chuí. ” (MACHADO, 2016, p. 20) - é repleto de formações naturais das águas como rios, riachos, cachoeiras, etc. Assim, trazendo a dimensão de riqueza do nosso país, despertando um olhar para o novo, para contar que temos muito a conhecer, a descobrir. Isso, para crianças que estão no processo de aprendizagem e descobertas é muito valioso, partindo da ideia que as realidades vividas por elas são muitas e por diversas vezes, empobrecidas. Machado (2016) de certa forma diz “olha, este é o nosso lugar, veja como ele é lindo, saiba que você pode conhecer o que quiser”.

Não satisfeita, a autora vai ao ápice da construção de sua história falando da Pororoca - fenômeno que dá nome ao encontro do rio com o mar, agitado e forte, deslumbrante e perfeito. Localizado na Amazônia, é uma das melhores exemplificações do poder da natureza e ainda um recurso para estudar Geografia.

As rimas contidas no livro é um artifício amplamente usado na Literatura, mas que não perde sua razão de ser, um jogo de palavras incrível, que ele por si só atrai o interesse na contação da história. E nele, a autora não usou as palavras aleatoriamente para que pudessem rimar, ela atou os nós da narrativa e a desenvolveu com leveza e um pouco de graça, principalmente ao falar das personagens.

Falando nas personagens, seres tão diferentes, nada em comum a princípio e com muito a nos dizer. O que na verdade elas são, ao que parece, somos nós. Cada uma agindo da melhor forma que encontrou para driblar as adversidades, lutando pelo seu espaço por se sentir pertencente a ele (ou o inverso?). Enfim, para não lhe ser furtado o direito de viver onde quiser. E o que acontece quando lutamos? Morte, mudanças, resistências? Isso faz dessa narrativa um “achado” para podermos olhar o que temos e o que conquistamos, percebendo os detalhes que fazem o todo, nessa imensidão chamada vida, ou melhor, espaço geográfico.

A leitura do já citado livro foi realizada na mesma escola, em outubro de 2018, sendo parte de um trabalho desenvolvido na disciplina *Estágio Supervisionado 4*, no 8º

período do curso de Pedagogia. A turma era do 3º ano do Ensino Fundamental I, com crianças entre oito e dez anos de idade, num total de 12 alunos. Ao contar a história, foram utilizados os mesmos procedimentos, quando da primeira seção de leitura, ou seja, com os momentos de pré-leitura, leitura e pós leitura. O principal objetivo foi apresentar a narrativa literária, de modo que a riqueza de elementos geográficos que veiculava fosse percebida pelas crianças, instigando-lhes a curiosidade e propiciando uma discussão acerca do espaço geográfico, principalmente em seu aspecto de transformação.

Na pré-leitura o livro foi mostrado e lemos juntos o título. Foi apresentada a autora Ana Maria Machado (2016) e destacada sua importância para a Literatura Infantil. Ainda mostrando a capa, alguém disse “olha esse nome”. Parecia que a criança estava falando da autora, mas o que estava chamando sua atenção era a palavra Tiririca. Já outra criança, interveio dizendo que tinha um livro da mesma escritora. Após isso, foram feitas três perguntas à turma: “quem é a Jararaca? ”, “quem é a Perereca? ” e “quem é a Tiririca?”. A resposta da turma era imediata, quanto as perguntas feitas, demonstrando um interesse pela narrativa.

Com a primeira pergunta já responderam: “a cobra”, na segunda também foi dito “o sapo”. Porém com a terceira foi diferente, teve um sonoro “sei lá”, mas uma criança disse “eu sei, é essa folha aqui” apontando para o matinho verde. Outra indagação feita à turma antes de iniciar a leitura foi “o que vocês acham que acontece numa narrativa que tem como personagens A Jararaca, a Perereca e a Tiririca? ” As respostas foram engraçadas, sempre com a sinceridade característica das crianças como “não sei”, “tá muito estranho” e “acho que a Perereca não vai durar muito tempo de vida”.

Ao iniciar a leitura foi mostrada a ilustração com o texto coberto por uma folha, para que a turma pudesse colocar suas primeiras impressões a partir disso, ato feito em todas as páginas que se seguiram. A percepção de uma das crianças, destacando a presença de rimas foi reafirmada pela informação de que a narrativa seria contada por meio desse recurso.

Durante toda a leitura esse processo se fez presente, o de mostrar, indagar e ler, contando com a participação da turma, numa interação constante. Numa dessas, mais uma vez o recurso literário “rima” parecia estar chamando a atenção: “ôh tia, sempre quando a senhora vai falando, aí vai rimando! ”. Outra observação foi quando se falou da Jararaca: “ôh tia, eu descobri uma música - eu vi uma cobra Jararaca engolir inteira uma jaca”. À medida que essas participações iam acontecendo era dada uma atenção e explicada a importância e veracidade daquilo que estava sendo exposto. Como o fato de enfatizar para

as crianças naquele momento que sim, que a cobra pode engolir uma jaca inteira, assim como a um animal.

Quando foram mostradas as páginas 14 e 15 do livro em que as personagens estão, aparentemente, tranquilas e tem dois homens ao fundo olhando o lugar, foi perguntado o que achavam que iria acontecer e uma das respostas foi: “o homem vai lá atacar ela”. As crianças alegaram que o homem mataria porque a cobra é venenosa e porque representava perigo.

No momento da viagem da personagem Perereca, na ilustração da página 20 do livro, uma das crianças falou “ela está viajando o Brasil! ”. Outra fala foi “as pessoas vão de avião e ela vai pulando! ”. Ficou uma estranheza pelas expressões contidas no texto, sobre os lugares que a Perereca passou. Fizemos diversas pausas para falar sobre essa viagem tão rica que a Perereca fez, bem como as diversas formas que podemos nos locomover ao viajar. Também teve um sonoro “hum? ” sobre as águas que a Perereca encontrou.

Foi abordado o percurso d’água, falado sobre a maneira como essa riqueza natural tem formas diferentes de se apresentar na natureza como o próprio livro sugere. O livro traz o fenômeno Pororoca, ocorrido na Amazônia - encontro do rio com o mar com ondas grandes e agitadas-, o que fez algumas crianças falarem em ondas gigantes que derrubaram casas, referindo-se então aos famosos Tsunamis.

Já ao final do livro, de todas as mudanças que ocorreram com as personagens e o ambiente - a morte da Jararaca e a viagem da Perereca, o desmatamento e as construções - uma coisa não mudou, a Tiririca permaneceu. E com isto, foi perguntado à turma porque que ela ficou e umas das respostas foi: “poderia arrancar várias vezes, mas ela iria crescer de novo! ”.

Na etapa de pós- leitura buscou-se trabalhar a reação de cada personagem, mas trazendo para si a solução que seria dada. Foi explicado que a personagem Tiririca mostrou um ato que podemos fazer também, o de resistência. O ato de resistir foi exemplificado com a vida de um comerciante que tem sua venda na frente da sua casa e uma grande empresa monta seu supermercado na mesma rua, gerando uma concorrência desleal para aquele comerciante já que a empresa é muito rica. Porém, o comerciante não fecha sua vendinha e resiste às mudanças daquele ambiente.

Foi sugerido que as crianças colocassem no papel suas expressões do que fariam no lugar das personagens, tendo como base suas próprias vidas, caso invadissem seus espaços, suas casas.

No momento em que estavam produzindo, as crianças pediam para olhar o livro, da mesma forma que na primeira experiência deste trabalho. Como este livro tem possibilidades diversas de abordagens na Geografia, foi necessário focar em uma que é a Geografia política, o que não impede de o mesmo ser usado para desenvolver diversas outras discussões com turmas com crianças do ensino fundamental.

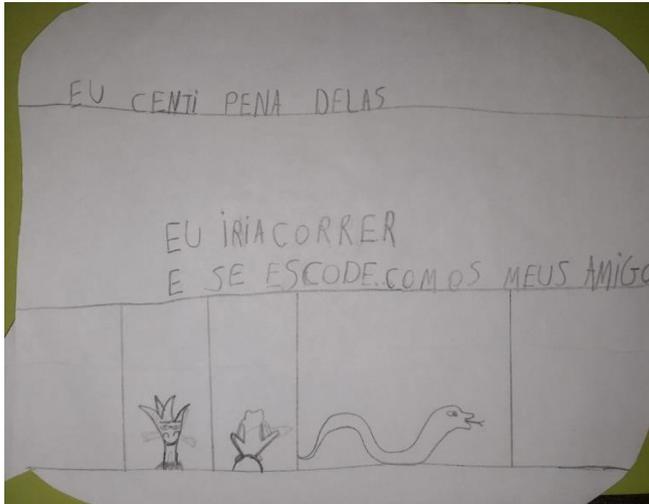
Do mesmo modo que apresentamos as produções empíricas das crianças, seguidas de comentários, registramos a seguir, esses dados:

Figura 6 – Dados empíricos e análise com recurso ao título *A Jararaca, a Perereca e a Tiririca*

Nº	REPRESENTAÇÕES	TRANSCRIÇÃO	COMENTÁRIOS
01	 <p>The drawing shows a landscape with a blue snake in the center, a green tree on the left, and two small figures on the right. The text at the top reads: "EU FUGIRIA PRANÃO MORRE".</p>	<p>“Eu fugiria para não morrer.”</p>	<p>O autor alude a desistência, mas não por se contrapor a resistência, justificada pela valorização da vida.</p>
02	 <p>The drawing shows a blue snake eating a person. The text at the top reads: "SE EU FOSSE A JARARACA EU ENGOLIA ELE PORQUE ELE IA ENVAZIR A CASA DELES PORQUE ERA A CASA DELES PORQUE ELE NÃO IA FAZER NA OTRA TERRENO".</p>	<p>“Se eu fosse a Jararaca engoliria ele (o homem), porque ele invadiu a casa deles (personagens) [...]”</p>	<p>A ideia de territorialidade, e consequentemente, pertencimento, se faz presente no texto, uma vez que a solução dada pelo autor de “engolir” o invasor, se justifica com o termo utilizado “invadir”. Desta forma, percebe-se que sua postura crítica traz a noção de que o espaço geográfico tem significado, neste caso, ele chama de casa, o que provavelmente constitui referente</p>

para o meio, o ambiente, o habitat.

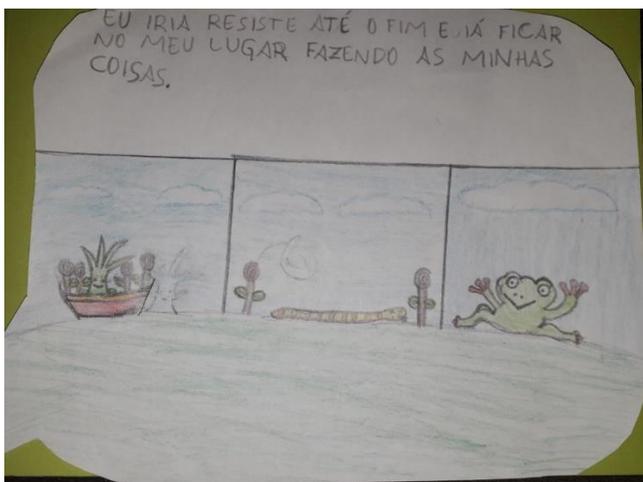
03



“Eu senti pena delas. Iria correr e me esconder com os meus amigos.”

O sentimento de tristeza demonstrado pela palavra “pena”, para com as personagens, que o autor coloca no texto, ratifica noções de relações sociais; no mais, a solução escolhida de se esconder explica uma percepção de que o espaço geográfico pode ser explorado.

04



“Eu iria resistir até o fim, ficaria no meu lugar fazendo as minhas coisas.”

O foco dado na experiência narrativa, o de resistência, foi visivelmente absorvido pelo autor. O que ele chama de “resistir até o fim” manifesta estar assumindo enfrentar as consequências de ficar. Ele também deixa evidente o conceito de pertencimento ao Espaço geográfico ocupado ao chamar de “meu lugar”.

05

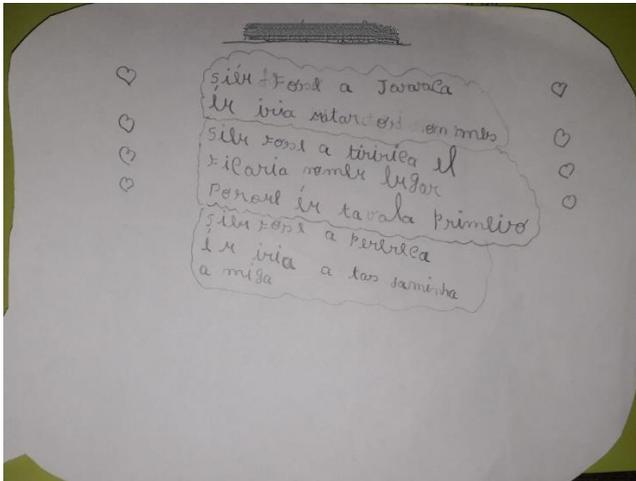


“Eu ficaria no lugar, não sairia.”

O autor representou uma noção de resistência já citada. No entanto, ele usou um exemplo, oferecido no momento de leitura da obra, sobre resistência, e se colocou como protagonista e dono do lugar uma vez que ele intitula como “venda do Tarso”. Isto posto, põe-se frente ao

concorrente que é uma possível ameaça territorial, fazendo um paralelo com a narrativa quando “(...) chegaram os outros” (MACHADO, 2016, p. 14). Ainda, utiliza um elemento simbólico, a bandeira do Brasil, como contexto para a ideia de Lugar

06



“Se eu fosse a Jararaca eu iria matar os homens. Se eu fosse a Tiririca, ficaria no meu lugar, porque estava lá primeiro. Se eu fosse a Perereca, iria atrás da minha amiga.”

A saída encontrada para a Jararaca pela autora foi diferente do livro lido, aqui a personagem mata os homens. Com relação a posição assumida pela Tiririca, a autora reafirma a importância do lugar e da posse do território, sob o critério de quem já o habita. Já para a Perereca, a autora, surpreende ao propor um reencontro com a amiga.

Fonte: Fotos feitas pela autora do trabalho.

Considerando-se que no título em tela, a Geografia era contexto para melhor aproveitamento dessa leitura, implica considerar a necessidade de construção de alguns conceitos, pouco discutidos na escola, notadamente pela ausência da Geografia e uma centralização na leitura e escrita, ainda que dissociada do mundo.

As categorias geográficas paisagem, lugar e território atravessaram o texto e as representações expressas pelas crianças de forma explícita ou mesmo implícita pelas imagens ilustradas ou com possibilidades de serem construídas mentalmente (mapas mentais).

Vale salientar que o recurso aos mapas mentais, visam instigar o sujeito a imaginar o espaço, de modo a construir uma trajetória passível de ser representada, seja por meio da linguagem visual ou escrita.

Segue um quadro com as definições das categorias geográficas paisagem, lugar território e espaço geográfico por Milton Santos (1988), ao lado das análises das representações que aludem as essas categorias, de modo a ilustrar a percepção das representações das crianças em relação aos saberes geográficos.

Figura 7 – Quadro relacional das categorias geográficas

CATEGORIAS GEOGRÁFICAS	DEFINIÇÕES	ANÁLISES
Paisagem	Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc. (SANTOS, 1988, p. 21).	A categoria paisagem remete-se ao momento do vislumbre, pela interpretação de quem está olhando. Justifica-se representações distintas em relação à narrativa, pelo olhar que cada criança inferiu ao que estava vendo.
Lugar	O lugar é um conjunto de objetos que têm autonomia de existência pelas coisas que o formam - ruas, edifícios, canalizações, indústrias, empresas, restaurantes, eletrificação, calçamentos, mas que não têm autonomia de significação, pois todos os dias novas funções substituem as antigas, novas funções se impõem e se exercem (SANTOS, 1988, p. 18-19). Por isso, cada lugar é singular, e uma situação não é semelhante a qualquer outra. Cada lugar combina de maneira particular variáveis que podem, muitas vezes, ser comuns a vários lugares (SANTOS, 1988, p. 21).	As transformações ocorridas no território, que era considerado pertencente as personagens, mudaram o seu sentido, deixando de ter o mesmo significado (de lugar) de antes para elas. As representações infantis evidenciaram o entendimento de que o lugar é parte da história do sujeito, mas que é possível encontrar outros espaços para novamente serem dados significados a eles.
Território	Hoje, a sociedade humana tem como seu domínio a Terra; o Planeta, todo ele, é o habitat da sociedade humana. Na realidade, habitat e ecúmeno são, agora, sinônimos, cobrindo, igualmente, toda a superfície da Terra, pois o Planeta e a comunidade humana se confundem, num todo único. A presença do homem é um fato em toda a face da Terra, e a ocupação que não se materializa é, todavia, politicamente existente (SANTOS, 1988, 27).	Por essa leitura e entendimento das expressões/feições do território são evidenciados exercícios de poder, de disputas entre classes/grupos, desigualdades socioespaciais. Nesse sentido, as soluções encontradas nas representações infantis traziam a ideia de pertencimento, posse, justificada a exemplo de expressões como “meu lugar” e “invadiu”. Além disso, suas representações corroboraram a identificação do conflito de grupos, e consequentemente, de poder.
Espaço geográfico	O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não	A natureza era o intermédio maior, dentro das relações que as

	<p>entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais (SANTOS, 1988, p. 25). O espaço resulta do casamento da sociedade com a paisagem. O espaço contém o movimento (SANTOS, 1988, p. 25).</p>	<p>personagens tinham com o espaço geográfico.</p>
--	--	--

Fonte: Dados elaborados pela autora do trabalho.

A turma demonstrou nas produções, em sua maioria, as situações já propostas no livro, por vezes escolhendo o final de uma das personagens. O exemplo sobre o comerciante, usado em sala para pensar o ato de resistir, talvez tenha sido percebido por poucos; embora em um dos desenhos a demarcação dos referentes “Atacadão” e “Venda do Tarso”, colocados lado a lado expresse essa leitura.

Ficaram, em aberto, questões que servem como reflexões, a saber: “como elas enxergam o lugar onde vivem? ”, “será que sabem sobre a história do lugar onde moram? ”, “como enxergam a natureza no/do lugar onde vivem? ”. Questões como estas, que envolvem o contexto do que está sendo trabalhado, devem ser levantadas ao final de qualquer trabalho feito em sala pelo educador/a a fim de possibilitar subsídios para expandir o conhecimento das crianças.

A forma positiva de enxergar estas ponderações é perceber que as crianças se envolvem com tudo que lhes é proposto, com a certeza de que aprendem saberes geográficos e produzem geografias.

4 CONSIDERAÇÕES (NÃO TÃO FINAIS...)

As duas obras utilizadas nas vivências apresentadas, neste trabalho, trouxeram impressões muito diferentes, o que era de se esperar já que são turmas, ano e professoras distintas. Na prática da leitura, utilizou-se a mesma metodologia para as duas vivências com os procedimentos de pré-leitura, leitura e pós leitura.

Ainda com relação aos livros lidos - “L1” referente ao título *Se criança governasse o mundo...* e “L2”, *A Jararaca, a Perereca e a Tiririca*, analisou-se que o L1,

aparentemente, é mais simples por não ter diversos personagens; além de o título fazer referência a situação/convite feito ao leitor, de modo que se dirige a criança e as ilustrações aludem a tridimensionalmente, o que pode ter aguçado o seu imaginário. Já em relação ao L2, avaliou-se que muitos conceitos geográficos precisam de mais tempo e vivências para serem construídos, até mesmo os sentidos atribuídos a situações caracterizadas por relações de poder, cuja resistência se faz necessária.

Provavelmente, os problemas/propostas sugeridos na narrativa do L1 aproximaram as crianças do seu lugar, percebido como cotidiano, materialidade, pertencimento. Nessa perspectiva, o vivido, o percebido e o concebido do espaço geográfico pode ser mais problematizado e pensado em seus aspectos e/ou possibilidades de transformação. Ademais, é possível que as crianças já tivessem refletido em alguns momentos do seu dia a dia acerca das situações suscitadas por esse texto. Considerou-se aqui que houve um entendimento mais claro sobre a problemática, possibilitada pela obra, evidenciando-se a potência do texto literário.

Os embates apresentados em L2 envolveram as crianças, acerca das possibilidades (ou não) de sobrevivência; no sentimento do risco de perder o lugar ao qual o sujeito pertence; na difícil escolha de resistir ou ceder as mudanças impostas pelos movimentos que as relações sociais causam.

Na intenção de usar a Geografia como contexto para ler o texto, no caso de L2 ou para mobilização de saberes geográficos, no caso de L1, optou-se pelo texto literário como linguagem ou recurso capaz de provocar discussões e posicionamentos dos sujeitos. Seguindo esta trilha, as vivências foram propostas de modo a dar voz as crianças como produtoras de leituras do espaço geográfico.

Avalia-se que as atividades possibilitaram as crianças a se exercitarem em um movimento de apreensão da realidade e saberes geográficos, ao tempo que reafirma para nós, na condição de pedagogos em formação, que “são possíveis outras estratégias para se aprender coisas sobre o mundo, de maneiras diferentes, sob outra perspectiva, sob outros olhares e, [...] representações do espaço, do lugar” (COSTA; AMORIM, 2015, p. 251).

Do exposto, infere-se que a Geografia das crianças e com crianças não pode ser restrita a uma visão disciplinar em que se ensina, se transmite, se informa; mas sim numa perspectiva de que se mobiliza saberes geográficos por que esses não são dissociados da atuação dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Terra Livre**, São Paulo, n. 16, p.133-152, 2001. Semestral.

COSTA, Bruno Muniz F; AMORIN, Cassiano Caon. Geografia escolar e as experiências da cartografia com crianças: construindo mapas do colégio de aplicação João XXIII. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, jul./dez. 2015, p. 243-252.

FERRAZ, Cláudio Benito O; BERALDI, Francielle Bonfim. Geografia e literatura infantil: considerações para devires minoritários da educação. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva; (Org). **(Geo) grafias e linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas**. Curitiba: CRV, 2013. p. 165- 188.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto: será que não é mesmo. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tânia (Org.). **Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global. 2009, p. 17-40.

LOPES, Jader Janer Moreira. A criança e a cidade: contribuições da Geografia da infância. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p.202-211, mai/ago. 2018.

LOPES, Jader Janer Moreira. Espaço desacostumado: a geografia das crianças e a geografia na educação infantil. **Olhares**, Guarulhos, v. 2, n. 2, p.301-334, dez. 2014.

MACHADO, Ana Maria. **A Jararaca, a Perereca e a Tiririca**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

MORAES, Maristela Maria de; CALLAI, Helena Copetti. Literatura e geografia em uma proposta interdisciplinar. In: PORTUGAL, Jussara Fraga; OLIVEIRA, Simone Santos de; PEREIRA, Tânia Regina Dias Silva; (Org). **(Geo) grafias e linguagens: concepções, pesquisa e experiências formativas**. Curitiba: CRV, 2013. p. 133-152.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos Teórico e metodológico da geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

XAVIER, Marcelo. **Se criança governasse o mundo...** 6. ed. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2003.

ANEXO - A JARARACA, A PERERECA E A TIRIRICA

Era uma vez – e era mesmo, porque já não é mais – um terreno cheio de mato, desses que existiam aqui perto até algum tempo atrás.

Não era bem na cidade nem era ainda na roça, era quase na metade, entre uma casa e uma palhoça.

E nesse terreno, com muito capim e um lamaçal, com umas flores e uma jaqueira carregadinha de jaca, acabaram se encontrando uma tiririca, uma perereca e uma jararaca.

A Tiririca era uma graminha rasteira, miúda e fuleira... Dessas que todo mundo xingava e arrancava do jardim, num trabalho sem fim. E que nascia sempre de novo. Feito

coisa que nunca morre na boca do povo.

A Perereca era parecida com os sapos da lagoa. Mas pequenininha, sapinha à-toa. Uma sapa sapeca. Moleca. Fulustreca. Pra lá e pra cá, de pulo em pulo, de pinote em pinote. Como bola de papel quando leva um piparote.

Mas a Jararaca... ah, essa era uma bruaca. Uma dona perigosa. Uma cobra venenosa. Traíçoeira e preguiçosa.

Tão diferentes.... Devia estar cada uma na sua. A Tiririca no jardim. A Perereca na lagoa. A Jararaca na mata.

Mas vieram se encontrar no fim de uma rua.

No mato, no lixo e no vazio de um imenso terreno baldio. Uma rua ou uma estrada? Difícil dizer de verdade. Um desses lugares que já não são roça e ainda não são cidade.

E lá viviam as três, há mais de um ano e um mês. Cada uma sem se meter com a outra. Como quem chega, acha bom e fica. A Jararaca, a Perereca e a Tiririca.

Mas aí chegaram os outros. E os outros eram os homens. Queriam a terra e o espaço.

- Vamos limpar este terreno! Sem deixar nem um quintal pequeno.

A Jararaca mais forte, logo declarou luta de morte. Não esperou nada. Deu logo um bote, num rápido pinote.

- Uma cobra! Pega! Acaba! Mata!

Bate-que-bate. Vupt-vupt! Pegaram. Acabaram. Mataram.

Quando viu isso, a Perereca resolveu sair. E explicou para a Tiririca:

- Não pense que eu estou fugindo e deixando você sozinha. Mas é que alguém precisa estudar bem o inimigo. Saber seus pontos fracos. Escolher o momento de atacar. Aprender a brigar. Para ter chance de ganhar.

E lá se foi pulando. Do terreno para a estrada. Da estrada para o mato. Andou por aqui e por ali. Pelo Paraná e pelo Piauí. Pelo Oiapoque e pelo Chuí.

Até que encontrou um sapo que lhe disse:

- Para bem combater, é preciso conhecer o terreno. E escolher onde somos fortes. Para nós, a beira d'água.

E ela saiu pelas águas. Andou, pulou e nadou. Por riachos e regatos. Brejos e pântanos. Ribeirões e fontes. Cachoeiras e cascatas. Igapós e igarapés – isso quando foi chegando no paraíso dos rios e das águas, a Amazônia.

E foi lá que aconteceu uma coisa que mudou sua vida.

A Perereca viu a Pororoca.

E nunca mais conseguiu parar de ver. Fascinada, deslumbrada, embasbacada, com aquela água toda tão movimentada e barulhenta, tão cheia de vida e espumada. Acho que está lá até hoje, de boca aberta, babando. Do terreno e do inimigo nunca se lembrando.

A Tiririca ficou. Não era de briga e não brigou. Não era de medo e não se mudou. Não era de entrega e não se entregou. Só ficou. Mas ficou para valer. Viu o trator chegar e partir. A escavadeira trabalhar e sumir. A construção começar a subir. Dali não saiu.

E quanto mais pensavam que arrancavam a Tiririca, mais ela deixava uma muda, uma semente, um pedaço de raiz na terra. Era seu jeito de ganhar aquela guerra. E ganhou.

O terreno virou prédio.

Muito cimento e pouco jardim, que remédio? A pequena estrada que era de barro agora é rua asfaltada, toda entupida de carro.

Mas em cada canteiro, cada jardim, cada praça, cada vaso, cada xaxim, cada pouquinho de terra, a Tiririca ainda vence a guerra. Sempre brota novamente. Feito coisa que nunca some da lembrança da gente (MACHADO, 2016).